

OS CAMINHOS HÍBRIDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO

Cristina Kapp¹

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2004. 160 p.

Um país que guarda em suas terras continentais o pai-de-santo, o caboclinho, o doutor, o repentista, o turista, os netos e bisnetos de escravos e um mundo de outras faces não pode ser tratado de forma homogênea. Um país de miseráveis e milionários deve ser encarado com olhos múltiplos, destituídos de preconceito. Da mesma forma, a comunicação de massa, das grandes corporações, precisa saber que a cultura brasileira é híbrida e que existe um outro degrau comunicativo – tão eficiente quanto o primeiro ou até mais – que promove o contato, transmite a informação e integra uma massa de marginalizados. A esta categoria comunicativa, que dialoga com o grande e com o pequeno, com o industrial e o artesanal, com a elite e o popular, um dos pioneiros dos estudos em Comunicação no Brasil, Luiz BELTRÃO de Andrade Lima (1918-1986), chamou *Folkcomunicação*. E é o conceito e a metodologia deste universo de possibilidades e a multiplicidade cultural que o autor explora no livro *Folkcomunicação: teoria e metodologia*.

Para começar, esqueça a televisão ou os grandes jornais que chegam logo pela manhã em sua casa, depois de passar por inúmeras etapas de produção, entre captação de informação, impressão e distribuição. Trata-se de um sistema comunicativo mais próximo, porém, como já foi dito, não menos eficaz. Porque promove o *feed-back* dialético, contínuo e criativo e fala a língua dos envolvidos. Cenas comuns entre os excluídos do sistema social, que encontram na realização e transformação constante da tradição sua identificação, como na queima de Judas, nos ex-votos, nas canções e danças folclóricas, no mamulengo – “teatro de bancos pobres”, no bumba-meu-boi e na confeitaria. São culturas.

olhadas com olhos que não vêm cinema, soletradas pelos lábios de quem jamais chegou à quarta-série primária, ouvidas pelos ouvidos moucos às clarinadas saídas dos alto-falantes, sentidas pelos insensíveis

¹ Cristina Kapp é jornalista formada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

às linhas e nuances da arte dos salões e galerias – as mensagens transmitidas por esses processos comunicativos singulares produzem efeitos os mais decisivos no ânimo e no comportamento da massa apática às solicitações do jornalismo ortodoxo. (BELTRÃO, 2004, p. 46).

Este jornalismo popular, no entanto, utiliza caminhos do sistema da comunicação ortodoxo. Utiliza mecanismos artesanais e difusão simbólica para expressar, na linguagem do povo, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural (MELO apud BELTRÃO, 2004, p. 11). A difusão da mensagem, da informação, é horizontal e não arbitrária, com a ajuda imprescindível dos intermediários, os agentes folclóricos, encarados como líderes de opinião. São eles que absorvem as informações nos meios de massa e os interpretam para um público específico, de acordo com as condições de vida, interesses e cultura dos integrantes deste micro espaço social.

Através das pesquisas realizadas por figuras proeminentes do campo da teoria da comunicação, como Paul LAZARFELD, Robert MERTON e Elihu KATZ, verificou-se que a influência de outras pessoas em decisões específicas tende a ser mais freqüente que a dos meios de comunicação de massa; influenciadores e influenciados mantêm íntimas relações e tendem a ter atitudes comuns (BELTRÃO, 2004, p. 77). Os líderes de opinião personificam interesses específicos, ocupam posições tidas como de elevada competência, são acessíveis e extrovertidos e têm acesso às informações relevantes. Este comunicador do *folk* tem prestígio na comunidade, está sempre em exposição às mensagens dos meios de comunicação e em freqüente contato com fontes externas. É caracterizado pela mobilidade, pondo-se em contato com diferentes grupos e arraigadas convicções filosóficas, à base de suas crenças (ibid., p. 78-80). É ele quem reinterpreta a mensagem, na linguagem contextual do folclore.

Os caminhos desta linguagem também são explorados na obra de BELTRÃO. Segundo ele, “a linguagem (linguagens) do folclore se nos apresenta como enigmática, a desafiar, num estudo de conjunto, a nossa capacidade de descobrir o segmento semântico codificável, no emaranhado de sons, ritos, movimentos e imagens que o encobrem, constituindo o segmento estético, não decodificável racionalmente” (2004, p. 69). É uma comunicação cultural, onde a linguagem humana se traduz no discurso, seja através de signos sonoros, visuais, plástico-tátil, olfato-gustativo ou audiovisual. Ou seja, abrange meios comportamentais e expressões não-verbais e até mitos e ritos que, vindos de um passado longínquo, assumem significados novos e atuais, graças à dinâmica da Folkcomunicação. (ibid., p. 72).

Em outras palavras, a Folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (ibid., p. 74)

O público da Folkcomunicação, ainda de acordo com BELTRÃO, são grupos rurais marginalizados, marcados pelo isolacionismo geográfico, grupos urbanos marginalizados - escalões inferiores da sociedade – e grupos culturalmente marginalizados, urbanos ou rurais, aqueles “contingentes de contestação aos princípios ou a estrutura social vigente”. (2004, p. 84) Eles convivem com a dialética tradição/tradução, atualizando, reinterpretando e readaptando constantemente seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais.

Promovem a aculturação², movimento de contato entre culturas, onde tudo está em redefinição constante. Nela, os centros tornam-se as periferias e vice-versa (CANEVACCI, 1996, p. 13)³. Convivem com o paradoxo cultural global/local (*glocal*), ou seja, na mistura entre o pensamento mundializado e a tradição local.

É um público afastado desta esteira de desenvolvimento tecnológico, econômico e social, mas que encontra na dança do boi, no cordel, na vela para Nossa Senhora da Aparecida ou na plaquinha para Corina Portugal sua identidade. (ex-voto também é jornalismo!). É o povo marginalizado.

Para chegar a estes conceitos, o líder sindical, filho de autônomo e de dona de casa, procurou nas bibliotecas pérolas da história, muitas vezes empoeiradas nas prateleiras, e na boca do povo a personificação da teoria. Com uma vida marcada pela “labuta”, ao lado de marginalizados, Beltrão chegou à conclusão de que a indústria brasileira sempre está se alimentando da cultura popular. Que ambos os espaços coexistem. Essa linha de pesquisa foi lançada no âmbito das ciências da comunicação no primeiro número da revista *Comunicações & Problemas*.

Os estudos deram origem a inúmeras linhas de pesquisa, que se estenderam pelas universidades brasileiras e que continuam em discussão em grupos pertencentes à Rede Brasileira de Folkcomunicação – *Folkcom*, que resgata, atualiza e aprofunda as idéias do autor

² Segundo o Memorando para o Estudo da Aculturação, de 1936, escrito por Robert Redfield, Ralph Linton e Melville Herskovits, “a aculturação é um conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudança nos modelos (patterns) culturais iniciais de um ou dos dois grupos.” (CUCHE, 1999, p. 115)

³ CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos**: uma exploração das hibridações culturais. Trad: Roberta Barni. São Paulo: Studio Nobel, 1996. 102 p.

do conceito.

O primeiro doutor em comunicação formado pelas universidades brasileiras e seus seguidores entenderam que, no Brasil, pela situação de miséria do povo, o estudo e o desenvolvimento da Folkcomunicação é fundamental. Perceberam que o país é formado por uma multidão que convive nesta linha vazia, entre duas culturas, personagens da aculturação.

É “um ‘híbrido cultural’ , um ‘marginal’, que, embora compartilhe da vida e das tradições culturais de dois povos distintos, ‘jamais se decide a romper, mesmo que lhe fosse permitido, com seu passado e suas tradições, e nunca (é) aceito completamente, por causa do preconceito racial, na nova sociedade em que procura encontrar um lugar’”. (BELTRÃO, 2004, p. 82) É um indivíduo à margem de duas culturas e duas sociedades que nunca se interpenetraram e fundiram totalmente. É uma massa de pobres, desempregados, migrantes, membros minorias raciais e étnicas que se alimenta de sua própria cultura e nela se identifica. Este é o processo desvendado nas mais de 160 páginas, desenvolvidos de maneira clara e até didática pelo autor, em respeito ao cidadão brasileiro.